

CONCEPÇÃO RETÓRICA E CONCEPÇÃO SEMÂNTICA DA METÁFORA

Salvatore d'Onofrio *

D'ONOFRIO, Salvatore. Concepção retórica e concepção semântica da metáfora.
Alfa, São Paulo, 24:149-56, 1980.

RESUMO: O Autor realiza um estudo sobre as duas principais teorias surgidas para o entendimento da estrutura e do funcionamento do processo metafórico: a teoria retórica, que considera a metáfora apenas como uma figura de estilo, e a teoria semântica, que vê na metáfora o princípio onipresente e indispensável para a renovação da linguagem humana e para a criação do texto poético.

UNITERMOS: Poesia; Metáfora; Linguagem poética; Semântica; Figuras de estilo; Retórica.

O trabalho de Paul Ricoeur (14), *La métaphore vive*, enseja considerar a metáfora não apenas como figura de estilo, mas principalmente como mecanismo lingüístico indispensável para a renovação da linguagem e para a descoberta incessante de novos valores estéticos e existenciais. Fazendo um balanço das contribuições de lingüistas, semanticistas e teóricos da literatura que se dedicaram ao estudo da metáfora, podemos formular duas principais teorias sobre este tropo:

I — *Teoria nominal ou substitutiva* (concepção retórica da metáfora)

A Retórica, entendida como a arte de convencer os ouvintes mediante o uso de um discurso bonito, foi muito cultivada na Antiguidade. Os principais professores e teóricos de Retórica foram o sofista Górgias de Leontinos, Platão (diálogo *Górgias*), Aristóteles (*Retórica e Poética*), Cícero (*Orator e De Oratore*), Longino (*Sobre o Sublime*) e Quintiliano (*De Institutione Oratoria*). Especialmente

* Professor Adjunto do Departamento de Literatura do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, UNESP.

este último autor conseguiu realizar uma completa classificação da matéria ensinada pela Retórica, catalogando as figuras de estilo em três classes: figuras de "dicção" (apócope, síncope, diérese, etc.); figuras de "linguagem" (metáfora, metonímia, sínédoque, etc.); figuras de "pensamento" (antítese, apóstrofe, hipérbole, etc.).

Segundo esta classificação, portanto, a metáfora é uma figura verbal. Aristóteles (1, 1457b6) assim a define: "A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia". Tal definição enseja duas observações principais:

a) por Aristóteles o termo metáfora, literalmente "transposição", é aplicado a qualquer figura de estilo. Será a Retórica posterior que distinguirá a metáfora da metonímia, da sínédoque e de outros tropos;

b) esta transposição tem por objeto o *nome*, sendo a metáfora considerada uma figura "de palavra": um termo é substituído por outro diferente, signo de outra coisa. A substituição do nome pode se dar ou por desvio, ou por empréstimo ou por lacuna lexical ou por semelhança. Explicar a metáfora implica em descobrir o termo próprio ausente, substituído pelo termo figurado.

A fraqueza da teoria nominal ou substitutiva reside no fato de que, se o enigma metafórico pode ser

resolvido por uma paráfrase que restitua o nome próprio ao enunciado, as duas expressões, a literal e a metafórica, são equivalentes e seu conteúdo informacional é, portanto, nulo. O tropo teria apenas uma função decorativa, sendo uma vestimenta para cobrir a expressão nua do pensamento ou um cosmético para embelezar o discurso. Esta concepção é comum a todos os que olham a metáfora pelo prisma da Retórica, considerando o tropo como figura de ornamento e de gozo estético.

Pierre Fontanier (9), que pode ser considerado o Lineu da Retórica antiga, antes e depois da publicação de seu *Commentaire des Tropes* (1818), em que procura atualizar a obra clássica de Dumasais sobre tropologia, editada em 1730, realiza vários trabalhos sobre o assunto, com a intenção de escrever um tratado geral sobre as figuras de estilo. Pertence a Gérard Genette o mérito de ter ordenado o material e introduzido o leitor ao estudo da interessante obra *Les figures du discours*, edição Flammarion, 1968. Nesta obra (9, p. 99), Fontanier considera a metáfora como um tropo por "semelhança", afirmando que consiste na "apresentação de uma idéia sob o signo de outra idéia, mais surpreendente ou mais conhecida, que tem com a primeira uma relação de conformidade ou de analogia".

Semelhante conceito de metáfora se encontra também na obra de Heinrich Lausberg (12, p. 163), *Elementos de Retórica literária*: "a metáfora é a substituição de um

verbum proprium ("guerreiro") por uma palavra, cujo significado está numa relação de semelhança com o significado da palavra substituída ("leão").

Mesmo os novos retóricos da Universidade de Liège (8), apesar de conferirem um maior grau de técnica à retórica clássica, através da divisão das figuras em quatro categorias (metaplasmos, metataxes, metassememas e metalogismos) e do uso de quatro princípios operacionais (adição, supressão, substituição e inversão), não deixam de focalizar o aspecto substitutivo do processo metafórico, em detrimento de seu caráter predicativo.

Com efeito, os autores da *Retórica Geral*, estendendo ao estudo dos metassememas o procedimento fundamentado nas duas operações básicas de adição e de supressão, que encontraram como constituinte de qualquer metáfora, consideram a metáfora como "um acoplamento de duas sinédoques": uma particularizante (composta por supressão de semas), outra generalizante (composta por adição de semas).

Estes pesquisadores reafirmam o mesmo conceito de metáfora em outro trabalho (6, p.107): "Quem, em sonho, monta um belo cavalo desposará uma pessoa rica. Temos aí uma metáfora talvez pouco elaborada, mas se o belo cavalo é um indício de riqueza, nada impede de ver aplicado aqui o princípio *pars pro toto*. Uma tal conveniência não é obra do acaso. Baseia-se na natureza da metáfora que sempre tem possibilidade de ser construída a

partir de duas sinédoques: uma indo da parte ao todo e a outra procedendo inversamente".

Mesmo admitindo que, no exemplo dado, a representação onírica cavalo / riqueza possa ser considerada uma metáfora, não entendemos porque "cavalo" deve ser visto como sinédoque de "riqueza", do momento que cavalo não é parte de riqueza. Há uma evidente confusão entre o conceito de indício ou índice e o conceito de parte. Os "índices", como releva Roland Barthes (2, p.30-36), são elementos metafóricos, encontráveis no eixo paradigmático; o mesmo não pode se dizer das "partes" em relação a um todo, que sugerem a idéia de contigüidade e de proximidade sintagmática.

Em verdade, J. Dubois e o grupo de Liège, considerando a metáfora como o acoplamento de duas sinédoques, voltam à indiferenciação de Aristóteles, que não distinguia metáfora, metonímia e sinédoque. Criticando a colocação de Roman Jakobson, eles confundem, em lugar de esclarecer, o conceito de metáfora. Senão, vejamos. O grande lingüista russo (11, p.34-62), operando com os conceitos de "similaridade" e de "contigüidade" semântica, encontrara a diferença específica que distingue a metáfora da metonímia e da sinédoque. A primeira figura de estilo é construída por uma operação de seleção ou escolha: o poeta, lançando mão da reserva de termos que a língua possui, transfere, por associação analógica, o sentido de um lexema para outro. Assim, por exemplo, uma choupana é chamada

de “toca”, substituindo-se o clas-sema humano pelo clas-sema animal. A metonímia (como a sinédoque), diferentemente, é um tropo construído não por similaridade, mas por contigüidade semântica: chamar a choupana de “palha” significa apenas denominá-la pelo material de que é construída.

Agora, aplicando o conceito de metáfora como acoplamento de duas sinédoques à análise de uma metáfora de uso, teríamos, por exemplo: “Maria é um tesouro” seria uma metáfora construída pela junção sinédóquica de “Maria” (termo de partida) e “preciosidade” (termo hipotético intermediário) + “tesouro” (termo de chegada). Ora, sinceramente, não vemos porque “preciosidade” deva ser considerado sinédoque de “Maria”, nem porque “tesouro” possa ser sinédoque de “preciosidade”.

Consideramos, portanto, muito mais clara e convincente a colocação de Roman Jakobson, pois a metáfora e a metonímia (ou a sinédoque) são tropos diferentes por natureza e, por isso, a primeira não pode ser considerada a soma da segunda. Enquanto a metáfora é uma identidade construída por transferência de sentido de um lexema para outro, a metonímia, como o nome indica, é apenas uma “transnomação” de objetos: uma coisa é designada pelo nome de outra coisa que tem com a primeira uma relação de causa e efeito ou de continente e conteúdo ou de produtor e produto, etc.

Dizendo, por exemplo, “apanhei meu Volks”, em lugar de dizer

“apanhei meu automóvel”, indicando o nome da firma construtora pelo produto, quis designar a marca do meu carro e conferir ao objeto conotações que, dependendo do contexto, podem ser eufóricas (carro forte, valente) ou disfóricas (carro pequeno, desconfortável). Como se pode ver, o sentido novo conferido pela conotação metonímica é inerente, conatural, contíguo ao próprio objeto; na metáfora, pelo contrário, o sentido novo dado a um objeto lhe é externo, estranho, proveniente de outro objeto com o qual é abusivamente associado. Entre Maria e tesouro não existe nenhuma relação aparente. A intersecção sêmica deve ser feita através do achado de um terceiro termo, o *tertium comparationis* “preciosidade”, oculto no sintagma, que vai funcionar como elo de ligação entre o termo de partida e o termo de chegada.

Resumindo as observações feitas, apresentamos os seguintes pontos de crítica à teoria da metáfora, assim como formalizada pelos autores da *Retórica Geral*:

1) A sinédoque, figura da mesma natureza da metonímia, dela diferenciando-se apenas pelo seu campo de aplicação (a metonímia enseja uma relação de “correspondência” entre dois objetos, enquanto a relação sinédóquica é de “conexão”, de interpenetração dos objetos), se caracteriza pela redenominação de um ser ou de um objeto, limitando-se a uma operação de substituição de palavras.

A metáfora, diferentemente, tem como traço essencial um valor predicativo, uma atribuição insólita,

pela qual o objeto é percebido e conhecido de um modo todo especial. A relação analógica ou de semelhança, própria da metáfora, atinge idéias e sentimentos, não apenas objetos, e envolve todo o enunciado, não só as palavras isoladamente consideradas.

2) Colocar a metáfora na classe dos metassememas, "figuras de sentido", separando-a das metataxes, "figuras de construção", importa em negar implicitamente o caráter sintagmático e, portanto, predicativo do tropo. A crítica de Paul Ricoeur (14, p. 97-100) à colocação de Roman Jakobson do pólo metonímico ao lado do plano sintagmático e do pólo metafórico ao lado do plano paradigmático visa salvar a característica essencial da metáfora que reside na combinação impertinente de signos dentro de um enunciado.

A nosso ver, todavia, esta crítica é infundada, devido à diferente focalização que os dois estudiosos têm do problema. A confusão deriva do fato de que, enquanto Jakobson fala da imagem metafórica no momento de sua criação pelo poeta, anteriormente à lexicalização, Ricoeur se refere à metáfora já realizada. É evidente que todo paradigma, uma vez realizada a escolha de um dos seus elementos, se torna um sintagma. Jakobson sabe muito bem que o paradigma só existe num plano abstrato, ao nível da gramática ou do dicionário.

3) A separação entre metassememas e metalogismos acaba negando a função referencial da metáfora. Se apenas os metalogismos, definidos como "figuras de pensa-

mento", exigem um referente extralingüístico, o conhecimento da realidade em que o homem vive, a metáfora, conseqüentemente, sendo um metassemema, passa a ser vista como um tropo semiótico e não semântico, apenas voltado para o mundo da linguagem.

II — Teoria contextual ou predicativa (Concepção semântica da metáfora)

Esta teoria, mais recente, tenta explicar o mecanismo metafórico deslocando o eixo da transposição do sentido: o meio contextual não é o nome, mas o enunciado inteiro, a totalidade do discurso, porque uma palavra isolada não faz sentido. O ponto de apoio da teoria contextual reside na distinção de Benveniste (3) entre semiótica e semântica. A semiótica, entendida como "lingüística da língua", se ocupa das relações intra e inter-signos: os signos remetem a outros signos no mesmo sistema, sem nenhuma relação com o referente extralingüístico.

Por sua vez, a semântica, que é a "lingüística do discurso", tem por unidade básica a frase e se ocupa da relação dos signos com as coisas denotadas, da língua com o mundo. Para a semântica, não é a soma das palavras, entendidas como unidades lexicais, que constituem a frase, mas é a frase, tomada como unidade contextual, que dá sentido às palavras. Toda significação é sempre contextual.

Se, portanto, "a semântica do discurso é irreduzível à semiótica das entidades lexicais" (14, p. 87),

uma teoria sobre a produção do sentido metafórico deve ter por base o enunciado todo, pois a metáfora é de natureza "discursiva", estabelecendo uma interação entre os elementos sintagmáticos. Esta interação se efetua segundo o modo predicativo, pelo qual se estabelecem relações entre seres, objetos ou idéias e se atribuem qualidades. Evidentemente, para que a predicação seja metafórica, é preciso que os dois termos homologados no sintagma pertençam a campos semânticos diferentes.

Com muito acerto, portanto, Jean Cohen (5, p. 87-97) define a metáfora como uma "predicação impertinente". Tal predicação, porém, deve ser entendida num sentido bem amplo, pois, se a metáfora implica em caracterização e em julgamento, ela deve estender seu domínio não só a nomes, mas também a adjetivos, verbos, advérbios, enfim a todas as categorias gramaticais. Num nosso trabalho anterior (7, p. 112-7), apontamos exemplos de metáforas construídas por predicação verbal, por predicação nominal, por adjetivação, por adjunto adnominal, por adjunto adverbial, por oposição, por dupla substantivação, por coordenação, por comparação, por alegoria, por alusão, por sinestesia.

O elemento frásico, a palavra, sobre a qual incide o sentido metafórico, é chamado por I.A. Richards (13) de "tenor" e por Max Black (4) de "focus", enquanto o contexto em que este termo se en-

contra é chamado de "veículo" e de "moldura", respectivamente.

Para darmos um exemplo de relação metafórica, imaginemos a expressão corriqueira "minha amada é uma flor" e analisamos seu processo de formação. No plano sintagmático temos associados, identificados por uma predicação "impertinente", dois sememas ("amada" e "flor") que pertencem a dois campos semânticos diferentes (mundo humano e mundo vegetal). A construção metafórica rompe o isomorfismo da linguagem usual, a lei do paralelismo entre o plano da expressão e o plano de conteúdo, assim como formulada por Hjelmslev (10), que reza que à homogeneidade formal, exigida pela gramática, deve corresponder uma homogeneidade de sentido, exigida pela lógica. Isto não acontece no enunciado metafórico porque aí a identificação sintagmática corresponde a uma não homologação paradigmática, pois a amada é uma mulher e não uma flor.

Para entendermos a metáfora, é preciso que o focus "flor" seja isolado do plano de sua significação lexical (espécie de vegetal) e visto no contexto do sistema de conotações que envolvem a palavra "flor". Dependendo do outro contexto, fornecido pela "moldura", isto é, pelo resto da frase, realiza-se a escolha de uma das conotações possíveis do termo "flor": beleza, delicadeza, perfume, amor, etc. Pode-se, então, estabelecer a seguinte equação:

Amada	:	Beleza	::	Beleza	:	Flor
(termo de partida)		(termo hipotético intermediário)				(termo de chegada)

Mas o sistema de lugares comuns, pertencente à comunidade dos que falam a mesma língua e repositório dos paradigmas conotativos, serve apenas para a construção e o entendimento da metáfora "de uso". No caso da metáfora "de invenção", devido ao seu alto teor de criatividade, quer o código lexical, quer o código conotativo dos lugares comuns, são insuficientes para a formação e a compreensão do tropo. A metáfora abarca não só o caráter polissêmico, mas também a estrutura aberta da palavra que, num contexto poético, pode evocar significações novas e inesperadas, de fundo inclusive psicológico. Como releva Paul Ricoeur (14, p. 289), "a interpretação metafórica, fazendo surgir uma nova pertinência semântica sobre as ruínas do sentido literal, suscita também uma nova visão referencial". Podemos dizer que é a metáfora que cria seu próprio referente pela mediação do texto poético.

Ao concluir este rápido estudo sobre o processo metafórico, é útil ressaltar que a metáfora não deve ser vista apenas como figura de estilo, mas considerada como elemento indispensável para a constante revitalização da linguagem humana, além de princípio básico da estrutura do mundo ficcional. Partindo do núcleo inicial de tropo, a metáfora estende seu domínio para a formação da *alegoria*, que pode ser definida como "uma metáfora ampliada"; do *texto* artístico, que é "uma grande metáfora"; do *gênero* literário, refletindo a predominância do processo metafórico na poesia lírica e do processo metonímico no gênero narrativo; do *movimento* literário, pensando, com Jakobson (11, p. 57-58), no primado do princípio da similaridade nas escolas romântica e simbolista e na preferência para as relações de contigüidade na estética realista.

D'ONOFRIO, Salvatore. Rhetorical conception and semantic conception of the metaphor. *Alfa*, Sao Paulo, 24:149-56, 1980.

ABSTRACT: This is a study of the two main theories for the understanding of the structure and functioning of the metaphorical process: the rhetorical theory, which considers the metaphor just as a figure of style and omnipresent and indispensable principle for renewal of human language and for the creation of the poetic text.

UNITERMS: Poetry; Metaphor; Poetic language; Semantics; Figures of style; Rhetoric.

D'ONOFRIO, S. Conceção retórica e concepção semântica da metáfora. *Alfa*, São Paulo, 24:149-56, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Lisboa, Guimarães, 1964.
2. BARTHES, R. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1972.
3. BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966.
4. BLACK, Max. *Models and metaphors*. Ithaca, Cornell Univ. Press, 1962.
5. COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo, Cultrix/USP, 1974.
6. ———. et alii. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis, Vozes, 1975.
7. D'ONOFRIO, Salvatore. *Poema e narrativa: estruturas*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
8. DUBOIS, J. et alii. *Retórica geral*. São Paulo, Cultrix/USP, 1974.
9. FONTANIER, P. *Les figures du discours*. Paris, Flammarion, 1968.
10. HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
11. JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1974.
12. LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Gulbenkian, 1972.
13. RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford, Univ. Press, 1936.
14. RICOEUR, P. *La métaphore vive*. Paris, Seuil, 1975.